

21 de Maio de 2021

Revisitar o Museu de Marinha - Parte VI

Post reformulado a partir de outro já publicado em 20130323

Parte VI

Lanchas de Fiscalização Pequenas (LFP):

Classe «Dom Aleixo»;

Classe «Antares»;

Classe «Alvor»;

Classe «Algol»;

Classe «Sabre»;

Classe «Castor»;



Montagem de fotos de várias LFP das classes «Dom Aleixo», «Antares», «Alvor», «Algol», «Sabre» e «Castor»

Ainda que dando origem a seis classes distintas e embora todas classificadas como LFP, a diversidade destes tipos de unidades navais nas características, armamento, equipamentos, máquinas propulsoras, lotações de pessoal, locais de estacionamento e missões desempenhadas, levam-nos a adicionar algumas observações às publicações que já anteriormente dedicámos a cada uma das classes mencionadas.

Classe «**Dom Aleixo**» - 2 unidades: LFP «**Dom Aleixo**» - P 1148 e LFP «**Dom Jeremias**» - P 1149

Durante um longo período de 30 anos desempenharam comissões em Cabo Verde com a duração de 30 meses, regressaram a Portugal em 1970 e aqui integraram diversas missões hidrográficas e oceanográficas.

Até 1985, no conjunto em 28 comandos daquelas duas unidades navais, estiveram presentes 12 oficiais dos Quadros Permanentes e 16 oficiais da Reserva Naval.

LFP «Dom Aleixo»

LFP «Dom Jeremias»

Classe «**Antares**» - 4 unidades: LFP «**Antares**» - P360 «**Sirius**» - P361, «**Vega**» - P 362, «**Régulus**» - P 369

A LFP «Régulus» foi construída nos Estaleiros Navais da CUF e todas as outras nos estaleiros "James Taylorshipbuilders, Ltd", em Shoreham-Sussex, na Inglaterra e o seu casco, em fibra de vidro, foi fabricado em Portsmouth pela empresa Halmatic, Ltd, tal como a primeira LFP mencionada.

Em 1959, as LFP «Antares», LFP «Sirius» e LFP «Vega» foram transportadas para a Índia em navios mercantes e aumentadas ao efectivo dos navios da Armada em 22.9.59, 17.11.59 e 10.12.59, respectivamente. Efectuaram missões em Diu, Damão e Goa.

Em 18.12.1961, aquando da invasão indiana do território, o aviso «Afonso de Albuquerque» entrou em combate com a aviação indiana. A LFP «Antares» depois de assistir impotente à invasão indiana, rumou a Carachi de onde, meses mais tarde, foi transportada para Lisboa a bordo de um navio mercante.

Depois de reparada devido a avarias sofridas aquando do seu embarque em Carachi, novamente em navio mercante, foi transportada para Moçambique - Porto Amélia onde ficou estacionada, atribuída ao Comando de Defesa Marítima de Porto Amélia. Foi abatida ao serviço da Armada em 31.03.75.

A LFP «Sirius» foi deliberadamente encalhada na praia de D. Paula e tentada a sua destruição em terra.

A LFP «Vega» sob o comando do 2TEN Oliveira e Carmo, manteve-se em acção desde os primeiros sinais da invasão e deu combate à aviação que metralhou a fortaleza de Diu, até que foi severamente atingida em duas passagens da aviação indiana. Com o comandante e outros dois elementos da guarnição mortalmente atingidos e com o navio em chamas, os restantes

elementos da guarnição, feridos ou ilesos, nadaram durante horas até terra firme. Foram ambas abatidas ao efectivo dos navios da Armada em 07.07.62.

As LFP «Sirius» e LFP «Vega» no tempo de vida operacional, entre 1959 e 1962, apenas foram comandadas por oficiais dos Quadros Permanentes, num total de 8 comandos (4 comandantes em cada uma das lanchas).

A LFP «Régulus», aumentada ao efectivo em 27.1.62, foi transportada para Luanda onde foi integrada na Esquadilha de Lanchas do Zaire, até Setembro de 1965. Foi então transportada para o Lago Niassa, onde desempenhou missões até 21.3.70, sendo nessa data cedida ao Malawi com o nome de «Chibisa» e abatida ao efectivo, com cedência a título definitivo a partir de 20.5.74.

A LFP «Régulus», ao longo do tempo de vida operacional em Angola, foi comandada por 1 oficial dos Quadros Permanentes (o primeiro comandante) e 5 oficiais da Reserva Naval. Depois, em Moçambique, foi sempre comandada por oficiais da Reserva Naval (9) até à sua cedência ao Malawi.

Enquanto esteve operacional, a LFP «Antares» foi comandada por oficiais dos Quadros Permanentes (6), na Índia/Portugal/Porto Amélia e oficiais da Reserva Naval (3), em Porto Amélia.

LFP «Régulus»

LFP «Antares»

Classe «**Alvor**» - 3 unidades: LFP «**Alvor**» - P 1156, LFP «**Albufeira**» - P 1157 e «**Aljezur**» - P 1158.

Em 1969, as LFP «Alvor» e LFP «Aljezur» foram transportadas num navio mercante para a Guiné onde ficaram atribuídas à Esquadilha de Lanchas daquele teatro de guerra.

A LFP «Alvor» foi sempre comandada por oficiais da Reserva Naval (5).

A LFP «Albufeira» navegou sempre na costa continental portuguesa e, até 1973, desempenhou missões de fiscalização ou de natureza hidrográfica.

Em Fevereiro desse ano foi embarcada com destino a Timor, onde chegou em Abril. Ficou atribuída àquele Comando de Defesa Marítima, pintada de branco, retirou a peça de 20 mm e tomou o nome de «Tibar». Foi o último navio português a deixar o cais de Dili.

De acordo com o relatório do Governo de Timor, em 12.10.75, o navio «Mac Dili» saiu da ilha de Ataúro para Macau, levando a reboque o o rebocador «Lifau» e a lancha «Tibar» (já com este nome). Devido ao temporal tiveram de ser cortadas as amarras da lancha que viria a dar à costa nas Filipinas.

A LFP «Albufeira», enquanto com aquele nome foi comandada por um oficial da Reserva Marítima, um oficial dos Quadros Permanentes e 4 oficiais da Reserva Naval. Já rebaptizada de «Tibar» foi comandada em Timor, a partir de 1973, por dois oficiais dos Quadros Permanentes com o posto de Capitão-Tenente.

LFP «Alvor»

LFP «Aljezur»

LFP «Albufeira»

Classe «**Algol**» - 1 unidade: LFP «**Algol**» - P 1138

Única da classe a que deu o nome, foi transportada para Angola e sempre ali permaneceu com pouca intervenção operacional, com missões no rio Quanza e na costa angolana nas proximidades de Luanda.

De 23.10.64 a 25.9.71 foi comandada por 5 oficiais da Reserva Naval e 1 oficial dos Quadros Permanentes.

LFP «Algol»

Classe «**Sabre**» - 1 unidade: LFP «**Sabre**» - P 1139

Única da classe a que deu o nome, antiga lancha «Chinde». De 31.10.72 a 16.1.75 foi comandada por 3 oficiais da Reserva Naval.

LFP «Sabre»

Classe «**Castor**» - 1 unidade: LFP «**Castor**» - P 580

Única da classe a que deu o nome, foi transportada e permaneceu em Moçambique - Lago Niassa. Em 5.8.68, a título de empréstimo, foi cedida ao Governo do Malawi onde adoptou o nome «John Chilembwe» tendo navegado com a bandeira daquele país e alguma da guarnição portuguesa, nomeadamente o comandante. De 10.2.64 a 17.7.68 teve como comandantes 1 oficial dos Quadros Permanentes e 2 oficiais da Reserva Naval.

LFP «Castor»

Todas estas lanchas de diferentes classes acima referidas tinham como

lotação 7 homens: 1 oficial, 1 sargento e 5 praças, exceção feita às da classe «Dom Aleixo» que integravam na guarnição 10 homens (2 oficiais e 8 praças).

Mantendo um critério simplificado de apreciação idêntico ao das publicações anteriormente feitas para LFP, sempre necessariamente muito empírico pela forma de o estruturar, concluiremos que estas unidades navais terão, num somatório conjunto destas 13 unidades, desempenhado missões operacionais ao serviço da Marinha durante cerca de 132 anos, resultando em 66 conjuntos de guarnições correspondentes a mais de 500 militares.

Tomando como referência os comandos exercidos até 1985 e considerando que as LFP «Dom Aleixo» e «Dom Jeremias» só foram abatidas em 1997, **entre 84 oficiais que comandaram aquele conjunto de 13 unidades navais, 52 foram oficiais da Reserva Naval, 31 pertenceram aos Quadros Permanentes e 1 à Reserva Marítima na LFP «Albufeira».**

Entendemos como notável a participação das guarnições daquelas unidades navais no esforço exigido à Marinha, por força dos conflitos além-mar em que Portugal esteve envolvido na Índia, Guiné, Angola, Moçambique e também Timor ou também nas habituais missões de patrulha, fiscalização, hidrográficas ou oceanográficas em Cabo Verde e também no Continente e Ilhas.

Julgamos que a história das LFP destas variadas classes está ainda pouco divulgada publicamente, carecendo de pesquisa e recolha de documentação, incluindo espólios privados dispersos que a permitissem melhor conhecer, registar e evocar em sede própria.

Repetindo-nos como já anteriormente o fizemos, talvez o Museu de Marinha possa ou deva vir a ter um papel determinante e interventivo nesta temática.

[Continua e termina com Parte VII:](#)

[Lanchas de Fiscalização Pequenas \(LFP\) - classe «Júpiter», classe «Rio Minho», classe «Rio Tete» e classe «Átria»](#)

Fontes:

Setenta e Cinco Anos no Mar, Lanchas de Fiscalização Pequenas (LFP), 16º VOL, 2005, com fotos de arquivo do autor do blogue - Arquivo de Marinha e Revista da Armada; Dicionário de Navios & Relação de Efemérides, Adelino Rodrigues da Costa, Edições Culturais de Marinha, 2006

mls